CartaCapital

OPINIÃO

“Estudantes devem ser tratados com fazendo isso?”



LUANA TOLENTINO 16 DE JANEIRO DE 2020



CRÉDITOS: DIVULGAÇÃO

Tratar como pessoa é reconhecer, é valorizar. É entender que temo indivíduos com os mais diferentes pontos de partida e de chegada

Tenho boa memória. Sou capaz de narrar com riqueza de detalhes fatos que ocorreram na minha prin infância. E é exatamente isso que farei agora.

1989. Havia pouco tempo que eu tinha ingressado na escola. Estava feliz, animada. Tudo era novidad uniforme vermelho, o tênis da mesma cor, a mochila nova que eu dividia com a Miriam, minha irmã. A dela eram pela manhã. Quando chegava em casa, ela tirava os livros e os cadernos para que eu pude os meus à tarde. Os lápis, a borracha, o estojo também eram divididos com ela.

Ao final das aulas, voltava para casa entusiasmada com os elogios da Roseane, minha professora. Gc tanto de estudar que ficava feliz até com os deveres de casa, que aqui em Minas costumamos chama "para-casa". Aos cinco anos, eu conseguia fazê-los sozinha, sem precisar da ajuda de ninguém. Mas u não consegui e pedi ajuda a minha mãe. Ela estava se aprontando para o trabalho.

Minha mãe olhou para a atividade e não disse nada. Terminou de se arrumar. Enquanto isso, continue tentando resolver os exercícios que naquele momento eram tão difíceis para mim. Depois de muito te percebi que minha mãe tinha saído. Corri até a porta. Ela já estava no quintal. Então, implorei:

– Mãe, por favor, fica! Me ensina o para-casa!
– Eu não posso, Luana...Eu não sei... – Ela disse.

Foi a primeira vez que vi minha mãe chorar. Ela não podia ficar porque precisava trabalhar. Não podia ensinar porque não sabia ler.

Não insisti. Aos prantos, eu a vi ir para o trabalho. Voltei para a minha tarefa. Era tanta lágrima que a f rasgou. O pranto deu lugar ao desespero.

Ao chegar na escola, mais choro. Para explicar o motivo de eu não ter feito o para-casa. Para explicar rasgada. Justo eu que sempre tinha as atividades prontas, que sempre fui uma boa aluna.

➤ ***Leia também:***

- **O que eu gostaria que a minha professora soubesse?**
- **"Na escola, os meninos negros são os que as pessoas mais querem bater"**

Para a minha surpresa, fui abraçada pela Roseane, que pediu que eu me acalmasse. Ela foi até o mim e fez uma cópia do para-casa. Em seguida, me ensinou como resolver os exercícios que até então pai impossíveis. Ela disse ainda que quando eu não soubesse, poderia chegar na escola um pouco mais c para que ela pudesse me ensinar. Fiquei agradecida, aliviada.

Ser acolhida pela minha professora fez toda diferença. Interessada em nossas vidas, Roseane sabia c

Certa vez, um colega deixou de frequentar a escola. Ela tomou uma serie de medidas para que ele ret
Quando ele voltou, fizemos uma festa para recebê-lo.

Lembrando da Roseane agora, vejo que ela carregava em sua prática pedagógica, no seu modo de ag
alguns elementos apresentados por bell hooks no livro "Ensinando a transgredir: educação como prát
liberdade". Segundo a educadora afro-americana, enquanto professores, precisamos caminhar em dir
uma "pedagogia engajada", que respeite e valorize a trajetória de cada estudante. Uma pedagogia que
ocupe somente com os resultados, com os saberes presentes nos livros, mas que se aproxime do qu
estudante carrega no seu íntimo. Uma pedagogia emancipadora, capaz de aliar coração, mente e inte
bell hooks nos diz: "Precisamos ensinar de um jeito que proteja a alma das nossas crianças". Foi exat
o que a Roseane fez.

Mas nem sempre é isso que acontece nas escolas. Muitas vezes, nós professores esquecemos que o
estudantes com os quais convivemos diariamente são seres únicos, cujas vidas são marcadas por in
travessias, muitas delas carregadas por dores e dificuldades. Muitos são os que não fazem os trabalh
escolares por não ter quem os ensine. Muitos são os que abandonam as salas de aula por não enxerg
qualquer sentido nelas. Muitos são os que não conseguem prestar atenção nas aulas em função de a
da violência doméstica. Muitos são os que vão para escola sem uniforme por não ter água encanada
para lavar. Muitos são os que vão à escola para comer, pois é nela que encontram alimento.



Em minha caminhada como professora da Educação Básica, por inúmeras vezes, vi esses percursos
ofuscados, silenciados por nossa urgência de atingir metas, cumprir conteúdos, aplicar avaliações. Q
sempre, enxergamos as crianças, os jovens e os adultos unicamente como indivíduos que ao final do
letivo precisam alcançar pontos e conceitos para serem aprovados, o que têm produzido inúmeros pr
de exclusão e a manutenção das desigualdades, sobretudo, de gênero e raça.

Ao fazer essas observações, não pretendo impor a mim e aos meus colegas de jornada a condição de
psicólogos ou assistentes sociais. Longe disso. Inclusive, penso que em tempos de retirada de direito
perseguição e de desqualificação institucionalizada do fazer docente, precisamos exigir respeito ao q
realmente somos: educadores. Acontece que a escuta atenta, o diálogo, o afeto, o respeito à individua
de cada educando são fundamentais para termos êxito no processo educativo. Sem essa consciência
dificilmente iremos avançar.

➤ ***Leia também:***

- **Para escutar uma criança**

de educar, a sala de aula, o modo como vemos nossos alunos e alunas. Entendemos que muita coisa

ser mudada para que o direito humano à educação seja cumprido de fato. Grazielle apresentou uma d
assertivas mais bonitas que já ouvi em toda minha vida: “Precisamos tratar os alunos como pessoas”

Desde então, em todo canto em que vou, em cada sala de aula que entro, faço das palavras da Grazie
minhas também. Pergunto: estamos tratando os estudantes como alunos ou como pessoas? Quase s
a pergunta é acompanhada por um profundo silêncio. E o silêncio diz muito, justamente porque há un
diferença imensa entre tratar como aluno e como pessoa.

Tratar como pessoa é reconhecer, é enxergar, é valorizar. É entender que na sala de aula temos indivíd
com os mais diferentes pontos de partida e de chegada. É compreender que a escola não é uma caix
uma forma em que todos e todas são iguais. É celebrar as diferenças.

Quando seguimos o exemplo da Roseane e tratamos os estudantes como pessoas, humanizamos no
prática docente, tornando a sala de aula um espaço fértil para realizações e aprendizados. Ao human
a nossa prática docente, humanizamos a nós mesmos.

Este texto não reflete necessariamente a opinião de CartaCapital.

Muito obrigado por ter chegado até aqui...

... Mas não se vá ainda. Ajude-nos a manter de pé o trabalho de **CartaCapital**.

O jornalismo vigia a fronteira entre a civilização e a barbárie. Fiscaliza o poder em todas as suas dimensões. Está a serviço da democracia e da diversidade de opinião, contra a escuridão do autorit do pensamento único, da ignorância e da brutalidade. Há 25 anos **CartaCapital** exercita o espírito cr fiel à verdade factual, atenta ao compromisso de fiscalizar o poder onde quer que ele se manifeste.

Nunca antes o jornalismo se fez tão necessário e nunca dependeu tanto da contribuição de cada un leitores. Seja **Sócio CartaCapital**, assine, contribua com um veículo dedicado a produzir diariamente informação de qualidade, profunda e analítica. A democracia agradece.

SEJA SÓCIO

POST TAGS COMPARTIL RO



LUANA TOLENTINO

Mestra em Educação pela UFOP. Atuou como professora de História em escolas públic periferia de Belo Horizonte e da região metropolitana. Atualmente é professora univers autora do livro Outra educação é possível: feminismo, antirracismo e inclusão em sala de aula, lançad 2018 pela Mazza Edições.

RECOMENDADOS PARA VOCÊ



Eduardo Bolsonaro tenta defender o pai e comete ato falho nas redes



Apesar do ufanismo governista, investidores estrangeiros desconfiam do Brasil



Regina Duarte deve 319 mil reais obtidos via Lei Rouanet, diz revista



Relatora da CPI das Fake News quer quebrar de Fabio Wajngarten



Esse anti-calvície faz nascer 8x mais cabelo nas entradas para acabar com careca



Fórmula levanta 4x mais a disposição do hor que outros remédios